

DO DISCURSO PSICANALÍTICO (CONFERÊNCIA DE LACAN EM MILÃO EM 12 DE MAIO DE 1972)

Tradução: Sandra Regina Felgueiras

Parte 1

Agradeço muito ao senhor Cesar Bianchi por nos ter dado essas indicações, essas falas de informação que foram muito corretas sobre o que podem ser algumas etapas.

Então, o que fiz durante esses anos me levou a dizer...

Minha dificuldade tem a ver com que não sei... de jeito nenhum posso avaliar o grau de escuta do francês do conjunto de vocês. Estou muito contente de ver um número enorme de pessoas jovens porque é nelas... enfim, é nelas, nessas pessoas, que coloco minha esperança.

Devo dizer que não gosto nada de falar em francês para pessoas que não estão familiarizadas com essa língua. Então, espero poder sentir até onde poderei ir nessas falas.

No café da manhã lembrei a alguns amigos uma experiência que tive na John Hopkins University.

Era de tal forma evidente que meu auditório não entenderia nada se eu falasse francês que, assim... a pedido geral, tendo tomado primeiro a decisão de falar em francês, comecei a me desculpar em inglês por não poder continuar, quer dizer, por falar em francês, depois essa desculpa durou uma hora e meia, em inglês com certeza... É terrível me escutar falar em inglês. Mas os americanos são tão complacentes, podemos nos permitir tais derrogações, não é?... – Vejo que vocês compreendem o francês, isso me encoraja.

Então, não continuarei a falar dos americanos: sou totalmente incapaz de falar a vocês em italiano, por isso falo em francês. / p. 33 / [2].
Então anuncio a vocês que vou falar *Do discurso psicanalítico* – não é um termo em que eu tenha avançado muito, só nos últimos três anos. Não é cômodo, diante de um auditório que não é dos meus alunos, que não é formado, que não está habituado a algo... (vejam, eu começo a

abrir parênteses)... que não está habituado a algo que é meu ensino, meu seminário, como se costuma chamá-lo – de jeito nenhum é um Seminário, porque só eu falo.

Enfim, virou isso. Durante anos fiz falar outras pessoas em meu seminário, isso me descansava, mas, pouco a pouco, talvez porque o tempo pressiona, renunciei a isso.

Então, esse ensino que já dura vinte anos, de onde os *Escritos*... – sou forçado a falar dos *Escritos* porque acabam de ser publicados, pelo menos um pequeno pedaço, talvez houvesse outros –, isso graças a Giacomo Contri que amavelmente dedicou a eles um grande cuidado e um tempo enorme.

Sou forçado a falar um pouco dos *Escritos* que, ao que tudo indica, não lhes parecem muito fáceis.

É verdade: não são, não são mesmo.

É que não foram feitos, esses famosos escritos... nunca foram feitos para substituir meu ensino.

Há neles uma boa metade que foi escrita antes que eu o começasse, o que quer dizer que não é de ontem já que disse que há vinte anos faço isso que se chama meu seminário.

Há neles uma boa metade que é de antes, em particular alguns que continuam a ser pivô do que pude trazer para o discurso psicanalítico, entre os quais “O estádio do espelho”. O estádio do espelho foi uma comunicação que fiz num congresso no tempo em que eu fazia parte ainda da chamada IPA – *International Psychanalytique Avouée* [reconhecida[3]] – ou reconhecível, como quiserem. Enfim, é uma maneira de traduzir essas palavras.

Depois, a segunda parte desses *Escritos* consiste numa série de artigos em que fiquei, digamos a cada ano a partir de um certo momento, entre um certo momento e um outro... em que a cada ano fiquei dando uma espécie de referência que permitia aos que me tinham escutado no seminário encontrar ali, condensado, em suma concentrado, o que pude / p. 34 / trazer ou o que eu mesmo acreditava poder situar como axial no que havia enunciado.

Não deixa de ser, em suma, uma péssima forma de reunir público.

Primeiro, é muito difícil a noção de público. Vou me arriscar a lembrar que quando dessa publicação me entreguei ao jogo de palavras de chamá-la publicação [*poubellication*][4] – vejo que há pessoas aqui que sabem o que é a palavra *poubelle*. Nos nossos dias, com efeito, há uma

enorme confusão entre o que constitui público e o que constitui lixeira! É mesmo por isso que recuso as entrevistas, porque, apesar de tudo, a publicação de confidências é o que faz a entrevista. Ela consiste então inteiramente em abordar o público no nível da lixeira.

Não se deve confundir a lixeira com o púbis, não tem nada a ver.

O púbis tem muitas relações com o nascimento da palavra público.

É verdade, hein?

Isso não se discute, enfim... penso.

Era um tempo em que o público não era a mesma coisa que abrir o privado e no qual quando se passava ao público se sabia que era um desvelamento, mas agora não se desvela mais nada já que tudo está desvelado.

Enfim, evidentemente não sou levado a fazer a vocês confidências, no entanto sou forçado assim mesmo a dizer algo que, já que só vou ver vocês uma vez – enfim, não me surpreenderia rever vocês daqui a pouco tempo –, sou forçado a lhes dizer algo que assim mesmo é do tipo da confidência.

A saber, como posso me sentir atualmente nessa posição que ocupo para pessoas que não fazem parte de meu auditório.

O que posso assinalar é o que eu disse no princípio, é que os *Escritos* me parecem difíceis quando exportados, assim, fora do contexto de um certo esforço que faço e sobre o qual vou lhes dizer no que ele é centrado, que os *Escritos*, enfim, são suficientes para que se possa elucubrar alguma coisa que corresponda verdadeiramente a meu discurso.

O auditório [*auditoire*] e a editoria [*éditoire*] não são, se posso me exprimir assim, do mesmo nível, vocês veem.

Estamos lidando aí, editoria, assim... publicação... é obsceno[5] e ao mesmo tempo auditório se contamina. / p. 35 /

Tudo isso é, em suma, uma maneira de ver o que posso dizer e como posso introduzir vocês, bem docemente, no que é muito importante.

O que chamarei de jogo dos significantes.

O jogo dos significantes desliza para o sentido.

Mas o importante no que enuncio é que só desliza à maneira de uma derrapada.

Para os que não estão acostumados com esses termos, digo simplesmente: os significantes ou o jogo dos significantes estão ligados à língua, à linguagem – não são equivalentes: a língua é algo muito específico para cada um, é a língua materna, o italiano para a maior parte de vocês.

É isso que faz a língua.

Acontece que há algo que podemos situar como indicado para um mesmo fim, em todas as línguas, e é generalizando, como se costuma dizer, que se fala de linguagem como característica do homem.

(Rumores na sala)

O que é que há?... Eu só queria deixar a fala para alguém que me provasse que não falo em vão...

Então, temos o sentimento de que a linguagem define um ser, que geralmente chamamos homem, afinal contentando-nos em defini-lo assim por quê?

É certo que há um animal sobre o qual a linguagem baixou, se posso dizer assim, e que esse animal está verdadeiramente marcado por ela.

Está marcado a ponto de eu não saber até onde posso ir para dizer isso bem.

Não é apenas que a língua faça parte de seu mundo, é que é isso que sustenta seu mundo de ponta a ponta.

É por isso que... Não tentem buscar qual é minha *Weltanschauung* – não tenho nenhuma *Weltanschauung* – não tenho nenhuma *Weltanschauung* porque o que eu rigorosamente poderia ter dela consiste em dizer que o *Welt...*, o mundo, sucumbe à linguagem[6]. Isso não é uma visão de mundo, isso não deixa lugar para nenhuma visão – o que imaginamos ter visto, ser intuitivo, está evidentemente

ligado a algo que é o fato de que tenhamos olhos e de que o olhar é verdadeiramente uma paixão do homem.

A fala também, com toda certeza. Nós nos damos conta disso menos. / p. 36 /

A partir daí há outros elementos que são inteiramente causa de seu desejo.

Mas é fato que a psicanálise, a prática psicanalítica, nos mostrou o caráter radical da incidência do significante nessa constituição do mundo.

Não digo para o ser que fala, porque o que chamei há pouco derrapada, essa derrapada se dá com o aparelho do significante... é isso que determina o ser naquele que fala. A palavra ser não tem nenhum sentido fora da linguagem.

Até acabamos nos dando conta de que não é meditando sobre o ser que daremos o mais mínimo passo.

Acabamos por nos dar conta pela consequência... consequência talvez um pouco forçada [*poussée*]... os seguimentos dessa prática que chamei de deslizamento com o significante.

A maneira que temos, mais ou menos sabida, de derrapar na superfície do que chamamos coisas... do que chamamos as coisas até o momento em que se começa a considerar que as coisas não são sérias.

Chegamos verdadeiramente a concentrar o poder do significante de tal forma que uma parte desse mundo acaba por, simplesmente, inscrever-se numa fórmula matemática.

Fórmulas matemáticas às quais, com toda certeza para os escolares, se tenta unir um sentido.

Com efeito, chega-se aí à fórmula de Einstein, e até de Heisenberg, enfim, são pequenos termos que designam a massa.

E a massa sempre tem efeito, imaginamos que sabemos o que é. Com efeito, nem sempre se imagina – algumas vezes, quando temos noções

físicas precisas, sabemos como calcular, mas estaríamos errados em acreditar que a massa é isso ou aquilo – pelo sentimento.

Não é só porque pesamos um pouquinho que podemos imaginar que sabemos o que é a noção de massa.

Somente a partir do momento em que começamos a fazer alguma coisa virar vemos que os corpos têm uma massa.

Mas isso continua de tal forma contaminado por algo existente ligado a uma correlação entre a massa e o peso que, na verdade, fazemos melhor ao não buscar compreender e simplesmente ficar nas fórmulas. /p. 37 /

É nisso que a matemática demonstra verdadeiramente o ponto de uso do significante. Com toda certeza, chegamos... [...]... que de fato estamos mergulhados na linguagem.

Vejam vocês, não digo que somos seres falantes.

Estamos na linguagem e não me acredito de jeito nenhum capaz de dizer a vocês por que estamos nela, nem de dizer como isso começou.

Foi assim como se pôde começar a dizer sobre a linguagem alguma coisinha, desembaraçados do prejulgamento de que é essencial que isso tenha um sentido; não é essencial que isso tenha um sentido, e é mesmo nisso que está fundada essa nova prática que se chama linguística.

O que é necessário – é aí que a linguística se centra bem – é se centrar no significante como tal.

Não se deve crer que o significado – que, bem entendido, se produz no sulco do significante – seja algo de alguma forma primeiro; e dizer que a linguagem está aí para permitir que haja a significação é um encaminhamento sobre o qual no mínimo se pode dizer que é precipitado.

Há algo mais primário que os efeitos de significação, e é aí que a busca – se é que se busca alguma coisa se não a tivéssemos encontrado primeiro –, é aí que o achado é suscetível de ter efeitos.

Enfim, vejam, para o significante, há pouco trouxe o que chamei a derrapada, o efeito de deslizamento...

Enfim, eu seria conduzido a lhes fazer a metáfora de que o significante é como o estilo, é igual, é estilo que haveria já lá.

É possível que o animal humano o tenha um dia fabricado... Não temos o menor traço do que se poderia chamar de invenção da linguagem... Tão longe no passado quanto a vejamos funcionar, é ela que está em cima do piso.

Bem, vocês me dirão, o que isso tem a ver com a psicanálise?

Tem a ver da maneira mais estreita, porque, se não partirmos desse nível que é o nível de partida, não se pode fazer nada na experiência psicanalítica, só se pode /p. 38 / fazer a boa psicoterapia...

Quer dizer, como tão bem os psicanalistas confessam... eles confessam tudo... eles expõem tudo...

Um dia... Claudel... imaginou que o castigo de Pôncio Pilatos por ter perguntado, muito fora de hora, "O que é a verdade?", seria que, a cada vez que ele falasse diante de um ídolo, e o ídolo abrisse o seu ventre, o que sairia dali? Uma formidável exposição de moedinhas da época, coisas que eram colocadas em cofrinho.

Os psicanalistas são assim... confessam tudo... confessam tudo... e tudo que eles contam prova que são boas pessoas.

É incrível o que eles amam o ser humano, que eles queiram o bem dele, a normalidade dele – enfim, é inaudita a loucura de curar deles: de curar de quê? Isso é o que nunca se deve questionar...

Em nome de que se considera alguém doente? Em que um neurótico é mais doente que um ser normal, um dito normal? Se Freud trouxe alguma contribuição foi demonstrar que a neurose está estritamente inserida em algum lugar numa rachadura [*faille*] que ele nomeia, que ele designa perfeitamente, que ele chama de sexualidade, e fala de tal maneira que fica claro, justamente, que é nisso que o homem não fica muito à vontade.

O homem, com toda certeza, nomeado em sentido amplo, a mulher tampouco; enfim, não há nada que vá tão mal quanto as relações entre o homem e a mulher.

O que é admirável é que há pessoas aqui que parecem ouvir isso pela primeira vez. É absolutamente sublime, como se vocês não tivessem nascido dentro disso... A saber, que, para vocês, transar com uma garota, isso não funciona. Para a garota é a mesma coisa... e, desde que o mundo é mundo, há toda uma literatura, há toda a literatura que só serve para dizer isso.

Então, certo dia Freud fala de sexualidade [*in falsetto*] e *basta que essa palavra açucarada seja dita para que todo mundo creia que é para resolver a questão.*

Quer dizer, como lhes disse há pouco, que a partir do momento em que se formula uma pergunta é porque já há uma resposta, quer dizer que se se faz uma pergunta é porque /p. 39 / há a resposta, e assim isso deve funcionar.

O que suporia que Freud tenha a ideia da harmonia sexual.

Ora, enfim, basta ler, basta abrir sua obra para ver que até o fim, porque era homem, ficou nisso.

E ele diz, e ele escreve, e ele expõe com esplendor ao se perguntar: uma mulher, o que é que ela pode querer? [*risos*]

Para isso não é necessário aludir à biografia de Freud – porque é sempre assim que se encurta a questão, tanto mais que ele era neurótico como todo mundo, além do mais tinha uma mulher que era uma chata [*emmerdeuse*]... Enfim, isso é conhecido... A velha senhora Freud. É verdadeiramente reduzir a questão.

Justamente por isso nunca me poria a fazer a psicanálise de Freud, tanto mais que é uma pessoa que não conheci.

O que é dito por Freud é isso, o que acabo de dizer. É essa derrapada do significante de que eu falava há pouco que faz com que em nome do fato de que ele retrata a “sexualidade” supõe-se que ele sabia o que quer dizer a “sexualidade”.

Mas justamente o que ele nos explica é que não sabe.

Ele não sabe. Justamente, a razão pela qual ele não sabe foi o que fez com que descobrisse o inconsciente.

Quer dizer, porque ele percebeu que os efeitos da linguagem estão em jogo nesse lugar em que a palavra “sexualidade” poderia ter um sentido.

Se a sexualidade no ser falante funcionasse de outra maneira que se enredando nesses efeitos de linguagem...

Não estou dizendo para vocês que a linguagem veio para preencher esse furo [trou] – não sei se o furo é primitivo ou vem depois: ou seja, se foi a linguagem que desarranjou tudo.

Ficaria surpreso se a linguagem viesse para desarrumar tudo.

Há campos em que isso é bem-sucedido... mas onde só é bem-sucedido para compartilhar o que parece andar bem nos animais – a saber, que eles parecem transar de uma maneira bem polida.

Porque, é verdade, nos animais parece assim – / p. 41[7] / é o que nos surpreende por contraste: parece se passar graciosamente.

Há a parada[8]. Há todo tipo de abordagens charmosas, depois isso parece andar redondinho até o fim. Aparentemente, não há nos animais nem estupros, também não todas essas complicações, toda essa lenga-lenga que se faz em torno disso.

Isso se passa neles, para dizer tudo, de uma maneira civilizada... [risos]
No homem, constitui o que se chama dramas [...] Pelo que com certeza todo o mal-entendido [...].

Praza aos céus que os homens façam amor como os animais, seria agradável.

Eu me deixo levar assim a algo... enfim, tão patente.

É preciso lembrar [...] algo que faz parte da experiência do psicanalista.

Que ele faça como se não soubesse nada se liga a uma necessidade de discurso que está lá escrita no quadro.

Quero fazer uso disso [provavelmente o que colocou no quadro-negro] porue vim quinze minutos mais cedo para escrever no quadro.

Contém todas as características-chaves em todo discurso do ponto que chamo semblante.

Meu último seminário – vocês chamem como quiserem, mas não é o último porque o último é aquele que estou terminando –, meu último seminário, então, aquele de antes, se chamava *De um discurso que não fosse semblante*.

Passei o ano demonstrando que é um discurso totalmente excluído.

Não há nenhum discurso possível que não seja semblante.

Tudo isso é semblante, hein?

Agora, acho totalmente admissível que o psicanalista num certo nível faça semblante, como se ele estivesse lá para que as coisas andem no plano sexual. O chato é que ele acaba acreditando, e isso o fixa, completamente.

Quer dizer, para dar o nome, ele se torna imbecil.

Creio que era, em um certo momento, necessário lembrar-lhe ao menos – para lhe permitir fazer um pouco de ginástica, para que, /p. 42 / numa experiência tal como constituída, ele possa dar alguns passos a mais – o que ele faz: apesar de tudo, é fazer alguém falar explicando-lhe como deve fazer, quer dizer, não qualquer coisa. Explicar-lhe a regra: dizer a uma pessoa como ela deve falar. E que isso chega a alguma coisa, que se trata de compreender por que esse algo que se faz com o aparelho que chamo significante pode ter efeitos.

Que haja um descolamento necessário, que consiste justamente... em não compreender rápido demais, foi isso que tentei produzir.

Numa certa época... evidentemente essa não era uma boa época, mas eu não tive escolha... entrei na psicanálise, assim, um pouco tarde. Com efeito, até aquele momento... em neurologia, um belo dia... o que é que me aconteceu? Cometi o erro de ver um psicótico.

Fiz minha tese sobre isso: *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*.

Personalidade, vejam só, não sou eu quem pode zombar disso.

Mas, enfim, naquela época isso era para mim mais ou menos uma nebulosa, algo que já era suficientemente escandaloso para a época, quero dizer que isso causou um verdadeiro efeito de horror.

Isso me levou a fazer eu mesmo a experiência da psicanálise. Depois disso houve a guerra, durante a qual continuei essa experiência. Quando a guerra acabou eu comecei a dizer que talvez pudesse dizer alguma coisinha sobre a psicanálise.

“Isso não” – me disseram – “ninguém compreenderia nada, nós conhecemos você, já vimos você em um momento”.

Em suma, foi preciso para isso uma espécie de crise, de crise política, política interior... a intriga entre psicanalistas, para que eu me encontrasse em uma posição retirada [*extraite*].
E como havia pessoas que pareciam querer que eu fizesse alguma coisa por elas... / p. 43 /

Comecei, como se diz, muito tarde; mas não fiquei entediado por ser tarde... eu não sentia nenhuma necessidade de forçar as pessoas.

Para não forçá-las comecei a contar as coisas no nível em que as tinha visto.

Retorno a Freud: naturalmente me colocaram essa etiqueta, que eu bem mereço, pois fui eu mesmo quem de início a produziu.

Foda-se Freud. Simplesmente era o procedimento para que os psicanalistas percebessem que, apesar de eu lhes estar dizendo, estava já em Freud.

Quer dizer que basta que se analise um sonho para ver que só se trata de significante. E significante em toda essa ambiguidade que há pouco chamei de derrapada.

Quer dizer que não há significante cuja significação seja totalmente garantida. Ela pode sempre ser outra coisa, e, tão longe quanto se vá na significação, ela até passa o tempo a deslizar.

De tal modo sensível na “*Traumdeutung*”, isso não deixava de estar em “A psicopatologia da vida cotidiana”... está ainda em “Os chistes e sua relação com o inconsciente”.
Isso me parece essencial, é essencial.

A coisa que me surpreende é...

[a fala é interrompida para mudança de fita]
... essa prioridade do significante.

Agora todo mundo está por dentro. O que vocês encontrarão numa revista de vanguarda, ou mesmo que não seja de vanguarda, de não importa o que, quanto a esse significante... – martelam nos nossos ouvidos.

Quando penso que no momento em que comecei estávamos sob o reinado do existencialismo, e agora... não sei... não quero que pareça que atento contra um estilo à altura de um escritor pelo qual tenho a maior admiração: trata-se de Sartre.

E mesmo Sartre... agora o significante entrou no seu vocabulário.

Todo mundo sabe que significante significa lacanização.

O que é que isso quer dizer?

De vez em quando penso que estou aqui para algo e, nesse caso, foi isso que me fez.

Encontrei em minhas notas que / p. 44 / eu tinha escrito algo em 11 de abril de 1956, num seminário registrado... é verdade que bem antes que isso tenha sido absolutamente... enfim, minha obra agora conhecida era totalmente outra.

... não é menos verdade que o que estou dizendo agora... que por sua vez com toda certeza será explorado em vinte anos... – no que estou dizendo agora, quando é às estruturas da lógica matemática que recorro para definir do que se trata no que chamo de discurso psicanalítico, posso muito bem perceber que há coisas engraçadas: vocês entendem, por exemplo, que, embora eu lhes tenha dito que não precisam se cansar com meus *Escritos*, no penúltimo parágrafo de minha “Intervenção sobre a transferência” está escrito: “O caso Dora parece privilegiado para nossa demonstração já que, em se tratando de uma histérica, a tela do eu [*moi*] que, em nenhuma parte, como Freud disse, seja mais baixo o limiar entre o inconsciente e o consciente, ou, melhor dizendo, entre o discurso psicanalítico e a fala [*moi*] do sintoma”.

[1] Disponível em francês e italiano em <<http://www.valas.fr/Lacan-in-Italia-1953-1978,079&qt;> *Lacan en Italie* (versão bilíngue). La Salamandra, Milão, 1977, pp. 32-55.

[2] Insiro a numeração de cada página do original que se inicia com os sinais / /.

[3] *Avouer*, em francês, que, entre outros sentidos (como confessar, admitir, etc), tem como primeiro significado no Robert, possivelmente seu sentido mais antigo em francês: reconhecer como senhor aquele que possui um feudo.

[4] Entre *poubelle* (lixeira) e *publication* (publicação).

[5] *Obscène* vem do latim *obscenus*, que significa mau augúrio, segundo o Robert. Formação etimológica no latim: *obs* (sobre) + *caenum* (sujeira, lixo).

[6] Em francês a expressão é *c'est bati avec du langage*. Adotei a tradução "sucumbir" pelo contexto e pelas possíveis traduções do francês *battre*.

[7] A página 40 (reprodução do quadro-negro) será colocada no final do texto.

[8] Dança de exibição que antecede a cópula (ver Etologia).

Parte 2

Evidentemente foi em 1951 que dediquei um tempo para dar ao discurso psicanalítico seu lugar. Mas nunca escrevo as palavras ao acaso, e foi naquele dia lá que o produzi.

Cinco anos mais tarde, quando tinha iniciado meu ensino, a estrutura... a estrutura escrevi então – porque agora ficaria atento, não queria me ligar ou parecer me ligar a essa salada que se chama estruturalismo.

Mas enfim, a estrutura, falei dela então porque ninguém conhecia essa palavra. A estrutura é uma coisa que se apresenta primeiro como um grupo de elementos que formam um conjunto covariante.

Estou agora me referindo ao que se chama precisamente Teoria dos conjuntos.

Na continuação falo de estruturas fechadas e de estruturas abertas, o que está igualmente na moda quanto ao que enuncio agora.

Especialmente... vemos aí relações de grupo fundadas na noção de conjunto; sublinho: relações fechadas ou abertas.

Naquela época... não posso me expressar de outra maneira / p. 45 / a não ser dizendo que extrair [*dégager*] uma lei natural é produzir uma fórmula significativa pura. Quanto menos ela significa alguma coisa, mais a podemos colocar do ponto de vista científico.

Acentuo [...] que o passo científico consiste justamente, estritamente, nisso: cortar as coisas no nível dito *signatura rerum*... [...] o significativo seria aí arrumado – arrumado com toda certeza por quem? Por Deus, porque a *signatura rerum* é de Jacob Böhme... – para significar algo. O caminho científico é isso.

Com toda certeza, é pontuar o mundo dos significantes matemáticos... mas ficar justamente nisso: que seja para significar. Pois o que chamamos impropriamente de finalismo era bem o que até ali tinha emperrado tudo.

Somos tão finalistas quanto tudo que existiu antes do discurso da ciência.

É absolutamente claro que, com toda certeza, nenhuma lei está presente a não ser para chegar a certo ponto.

O discurso científico é totalmente finalista no sentido do funcionamento [...] não percebemos que esse finalismo teria sido feito para nos ensinar algo, por exemplo para nos incitar à virtude, para nos distrair simplesmente... [...] num mundo que pode ser inteiramente estruturado em termos de causas finais... seria fácil demonstrar que a física moderna é perfeitamente finalista.

A própria ideia da conservação da energia é uma ideia finalista... também a de entropia, porque, justamente, o que ela mostra é para que freio vai, e vai necessariamente.

O que mudou é que não há finalismo justamente porque isso não tem nenhuma espécie de sentido...

[...]

[...] descolar o sentido que correntemente é dado ao subjetivo e ao objetivo... o subjetivo é algo que encontramos no real.

Não que o subjetivo seja dado no sentido que habitualmente entendemos por “real”, quer dizer, que implique a objetividade: incessantemente essa confusão é feita nos escritos psicanalíticos. / p. 46/

Aparece no real na medida em que o subjetivo supõe que temos diante de nós um sujeito capaz de se servir do significante... e de servir-se do significante como nos servimos, se servir do jogo do significante não para significar alguma coisa, mas precisamente para nos enganar sobre o que há a significar... servir-se do fato de que o significante não é a significação para nos apresentar um significante enganador.

Em suma, como veem, não é de ontem que insisto nesse viés-chave.

É muito curioso que a posição do analista não permita que nos sustentemos nela indefinidamente.

Não é somente porque o que se chama... o que se chamava há pouco de Internacional..., por razões totalmente contingentes, faz obstáculo a isso.

E até homens que num momento eu havia formado, eles [...].

O que em suma tentei instituir ali acabou no que chamo em algum lugar, preto no branco, um fracasso.

Isso não é o essencial, porque um fracasso, sabemos bem pela experiência analítica, é uma das formas do êxito.

Não se pode dizer que, afinal, eu não tenha tido êxito em alguma coisa... tive êxito em que alguns analistas se preocupem com esse viés que tentei lhes explicar: qual é a clivagem entre o discurso psicanalítico e os outros.

E depois eu diria que todo mundo está interessado nisso há alguns anos.

Todo mundo está interessado nisso: que há algo que não anda mais redondinho.

Há em algum lugar, do lado do que se chama tão gentilmente, tão ternamente, a juventude... como se fosse uma característica... no nível da juventude há algo que não anda mais do lado de um certo discurso... do discurso universitário, por exemplo... Provavelmente não terei tempo de comentar para vocês o discurso universitário.

Este [provavelmente apontando para o quadro-negro] é o discurso eterno, o discurso fundamental. O homem é um animal muito engraçado, não é? Onde, no reino animal, há o discurso do mestre? Onde é que no reino animal há um mestre?... /p. 47/

Não lhes salta aos olhos imediatamente, desde a primeira apreensão, que se não houvesse linguagem não haveria mestre, que o mestre nunca acontece por força ou simplesmente porque comanda, e que como a linguagem existe vocês obedecem?

E até que vocês ficam doentes se não continuar assim?

Tudo o que se passa no nível do que é chamado juventude é muito sensível, porque penso que, se o discurso psicanalítico tivesse tomado corpo, os jovens saberiam melhor o que se deve fazer para fazer revolução.

Naturalmente não devemos nos enganar... Fazer revolução, penso até que vocês, vocês que estão aí e a quem eu me dirijo... vocês devem ter compreendido o que isso significa... que isso significa... voltar ao ponto de partida.

Até porque vocês perceberam o que é demonstrado historicamente: não há discurso do mestre mais duro [*vache*] do que onde se faz a revolução. Vocês gostariam de que isso se desse de outra forma. Evidentemente, poderia ser melhor. Seria preciso chegar a que o discurso do mestre fosse um pouco menos primário e, para dizer tudo, um pouco menos babaca.

(*risada do público*)

... como vocês sabem, o francês é maravilhoso...

Se vocês olharem aí minhas formulinhas giratórias [ver p. 40 no final desta tradução] deverão ver que a maneira pela qual estruturo esse discurso analítico... é exatamente oposto ao que é o discurso do mestre... ou seja, no nível do discurso do mestre... o que há pouco chamei de significante-mestre é isso, é com o que me ocupo no momento: *há Um*.

O significante foi o que introduziu no mundo o *Um*, e basta que haja *Um* para que comece... [*indica a fórmula no quadro-negro*] isso impõe [*commande*] o S_2 .

... quer dizer o significante que vem depois depois que o *Um* funcione, obedece.

O que é maravilhoso é que para obedecer é preciso que ele saiba alguma coisa.

O próprio do escravo, como se exprimia Hegel, é saber alguma coisa. /p. 48/

Se ele não soubesse nada não haveria preocupação em obrigá-lo [*le commander*].

Mas por esse privilégio único, essa única primariedade, essa única existência inaugural que o significante representa... pelo fato de que há linguagem, o discurso do mestre funciona. Aliás, tudo que é preciso ao mestre é que funcione.

Então, para saber um pouco mais dos efeitos da linguagem, para saber como isso determina um termo que de jeito nenhum é aquele do uso corrente: o sujeito...

... se houvesse em um trabalho, um trabalho feito em tempo na linha de Freud, talvez tivesse havido – ... nesse lugar... nesse lugar que é designado, nesse suporte fundamental oferecido pelos termos semblante, verdade, gozo, mais-gozar – talvez tivesse havido... – no nível da produção, pois o mais-gozar é o que é produzido por esse efeito de linguagem – talvez tivesse havido o que o discurso psicanalítico implica, a saber, um pequenininho melhor uso do significante como Um.

Teria havido talvez... mas de qualquer maneira não teria havido... porque agora é tarde demais...

... a crise não do discurso do mestre, mas do discurso capitalista, que é o substituto dele, está aberta.

De jeito nenhum lhes digo que o discurso capitalista seja medíocre; é, pelo contrário, algo loucamente astucioso.

Loucamente astucioso, mas destinado a explodir.

Afinal, foi o que se fez de mais astucioso como discurso. Esse último não é menos destinado à explosão. É porque é insustentável. É insustentável... num truque que poderia lhes explicar... porque o discurso capitalista está ali, vocês veem... [*indica o discurso no quadro-negro*]... uma pequenininha inversão simplesmente entre o S_1 e o $\$$... que é o sujeito... basta para que isso ande como sobre rodinhas, não

poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome [*consomme*], se consome tão bem que se consuma [*consume*]. Agora vocês estão embarcados... vocês estão embarcados... mas há poucas chances de que qualquer coisa aconteça de sério na corrente do discurso psicanalítico, salvo, assim... ao acaso.

Na verdade, acho que não se falará / p. 49 / do psicanalista na descendência, se posso dizer, de meu discurso... meu discurso psicanalítico. Alguma outra coisa aparecerá que, com toda certeza, deve manter a posição do semblante, mas se chamará talvez discurso PS. Um PS e depois um T, isso estará por todo lugar, inteiramente conforme à maneira como se diz que Freud via a importação do discurso psicanalítico na América... seria o discurso PST. Acrescentem um E e isso vai dar PESTE.

Um discurso que seria enfim verdadeiramente pestilento, totalmente dedicado ao serviço do discurso do capitalista.

Isso poderia talvez servir um dia para alguma coisa, desde que a coisa não se afrouxe antes.

Resumindo, são 8.15 horas e faz uma hora e meia que falo. Só lhes disse um quarto do que tinha a lhes dizer. Mas talvez não seja impensável que, a partir do que lhes indiquei sobre o discurso capitalista e o discurso psicanalítico, alguém me faça alguma pergunta.

[...]

Boas pessoas, mas inteiramente inconscientes do que o próprio Marx dizia... se divertem com isso... sem Marx.

E eis que Marx lhes ensinou que a única coisa que está em jogo é a mais-valia.

A mais-valia é isso... é o mais-gozar...

[*rumor na sala*]

Mas o que as pessoas compreenderam é maravilhoso... Elas se disseram: "Bem, é verdade".

Só isso faz o sistema funcionar. É a mais-valia. O capitalismo aí recebeu seu salto, seu impulso [*coup d'ailes*] que faz com que atualmente [...]... É algo – assim... um pouco análogo, mas não de mesmo sentido – que eu diria que poderiam fazer as pessoas se verdadeiramente trabalhassem um pouco, se verdadeiramente interrogassem o significante, o funcionamento da linguagem. Se elas interrogassem da mesma forma que um analisante[1], como o chamo, quer dizer, não é um analisado, já que é aquele que faz o trabalho: o cara que está aí em análise...

... se interrogassem da mesma forma talvez daí saísse alguma coisa. / p. 50 /

Essa é a regra analítica. Nunca aconteceu, não só para o cara que tem uma veledade, que ele fosse forçado a dizer alguma coisa e é aí que ele é pego, porque a interpretação analítica, mesmo quando feita por um imbecil, age sobre algo no nível da interpretação. São mostrados a ele alguns efeitos lógicos do que disse, que se contradiz. Nem todo mundo pode se contradizer.

Não se pode se contradizer de qualquer modo. Há contradições sobre as quais se pode construir alguma coisa e outras sobre as quais nada se pode construir.

É assim o discurso analítico. Diz-se essa alguma coisa, muito precisamente no nível em que o significante é Um, a raiz mesma do significante. O que faz com que o significante funcione, porque é lá que se pega o Um, é lá que *há Um*.

[*a transcrição, por defeito da gravação, tem uma exclusão de fragmentos*] Por outro lado, chegamos assim mesmo a algumas cogitaçãoezinhas que não nos parecem completamente supérfluas sobre a interrogação dos números inteiros. Até a teoria dos conjuntos, Cantor e tudo mais, consiste justamente em se perguntar por que há Um. Nada mais que isso.

Talvez, com um pouco de esforço, chegássemos a perceber que os números inteiros, que são chamados naturais, não são mais naturais que o restante dos números.

Em suma, há algo que sobreviria num nível que é o da estrutura.

Nesses três quartos de século agora transcorridos desde que Freud trouxe a público essa fabulosa subversão do que havia... há uma outra coisa que escapou, e grosseiramente, que é nada menos que o discurso da ciência, que agora ganha o jogo... ganha o jogo até que se veja seu limite: e se há algo que é correlativo desse resultado do discurso da

ciência, algo que não havia nenhuma chance de que aparecesse antes do triunfo do discurso da ciência, é o discurso psicanalítico.

Freud é absolutamente impensável antes da emergência não apenas do discurso da ciência, mas também / p. 51 / de seus efeitos, efeitos que são, bem entendido, sempre mais evidentes, sempre também mais patentes, sempre mais críticos, sobre os quais se pode considerar [...] ainda não foi feito, talvez um dia haja um discurso chamado “o mal da juventude”.

Mas há algo que grita... e uma nova função que não deixará de surgir, de abordar talvez, salvo acidente, um novo início na instauração do que é... do que chamo discurso.

O discurso é o quê? É o que, na ordem... no ordenamento do que pode ser produzido pela existência da linguagem, faz função de laço social. Talvez haja um laço social, assim, natural, é dele que se ocupam os sociólogos... mas pessoalmente não creio.

E não há trinta e seis possibilidades, há somente quatro...

Significantes, é preciso que haja ao menos dois.

Quer dizer, o significante enquanto funciona como elemento, o que se chama elemento justamente na teoria dos conjuntos: o significante enquanto o modo pelo qual se estrutura o mundo, o mundo do ser falante, quer dizer, todo o saber.

Há, pois, S_1 e S_2 – é de onde se deve partir para essa definição... [...] o significante é o que representa um sujeito para um outro significante. Esse sujeito não é o que cremos, não é o sonho, a ilusão [...] é tudo o que é determinado por esse efeito de significante. E isso vai muito mais longe daquilo de que qualquer um tem consciência... do com que seja conivente.

É essa a descoberta de Freud, é que há toda uma parte dos efeitos do significante que escapa totalmente ao que chamamos correntemente sujeito. É, notemos bem, o sujeito determinado em todos os detalhes pelos efeitos do significante [...] Sabemos o que a linguagem produz: ela produz o quê? O que chamei de mais-gozar, porque é o termo que é aplicado nesse nível, que conhecemos bem, que é o desejo.

Mais exatamente, produz a causa do desejo. É isso que se chama objeto a. / p. 52 /

O objeto a é o verdadeiro suporte de tudo que vimos funcionar e que funciona de maneira mais e mais pura para especificar cada um em seu desejo.

É dele que a experiência psicanalítica nos dá o catálogo sob o termo pulsão [...] pulsão que chamamos oral [...] um muito belo objeto, um objeto ligado a que [...] desde que se tomou o hábito de sugar [...], há os que sugam durante toda a vida.

Mas por que sugariam durante toda a vida se isso não estivesse no interstício, no intervalo dos efeitos de linguagem? O efeito de linguagem na medida em que é aprendido ao mesmo tempo, exceto para quem fica completamente idiota, não é?

É isso que dá sua essência... e sua essência de tal modo essencial que é, isso, a personalidade, que é a maneira pela qual cada um subsiste diante desse objeto a... Há outras maneiras e busquei dizer quais.

Mas no que se refere à psicanálise, ninguém como Freud, ninguém mais que Freud, ninguém mais e melhor que Freud... Foram acrescentados, com certeza, detalhes, uma estrutura, um estatuto dessa função do objeto a... Melanie Klein trouxe amplamente suas contribuições, e alguns outros também, Winnicott... o objeto transicional...

É essa a verdadeira alma – a nova subjetividade, no sentido antigo...

É isso que nos ensina a experiência psicanalítica.

É ali então que estão muitos psicanalistas... é o papel que desempenham no nível do semblante.

É isso que os acabrunha, é a causa do desejo naquele a quem eles abrem a carreira de analisante.

É dali que poderia... poderia talvez sair outra coisa... algo que deveria dar um passo para uma outra construção...

A saber, aquilo de que se trata depois de tudo, no fim das contas, é que a experiência se torne tão curta quanto possível... quer dizer, que o sujeito com algumas interpretações se libere e encontre uma forma de mal-entendido no qual possa subsistir.

Que outra pessoa me fez uma outra pergunta?

X – Qual é a diferença entre o discurso do mestre e o discurso do capitalista?

L – Indiquei há pouco / p. 53 /, falei latim, a cantilena de sempre, não é?, entre o sujeito e o S_1 . Se você quiser falaremos no final, com menos pessoas, mas eu indiquei.

Y – Qual é o papel do aparelho algorítmico no – desculpe-me a palavra – sistema? Se estamos na linguagem, qual metalinguagem poderia falar a cadeia significante?... e seu próprio estilo é a prova de que não há metalinguagem possível...

L – É necessário dizer às pessoas que falam metalinguagem: onde está a linguagem então?

Y – De acordo, sobre isso você é muito fácil... mas qual é o aparelho algorítmico na medida em que ele escapa à linguagem natural, que não tem metalinguagem, que não está submetido à metalinguagem? A partir do momento em que emprega um aparelho algorítmico, você não tenta bloquear essa fuga, essa derrapada contínua da cadeia significante em algo que a define de fora? A não ser que a cadeia significante não seja a linguagem natural mas um aparelho lógico, algorítmico por cima. Se você emprega o aparelho algorítmico para defini-la e bloqueá-la, não é o aparelho algorítmico o único desejo finalmente cumprido?

L – É muito pertinente, só que o que você com razão chama de algoritmo não sai da experiência psicanalítica.

O que toma sentido – sempre articulei expressamente –, o que toma sentido validamente está sempre ligado ao que chamarei, se você quiser, o ponto de contato. E frequentemente é um ponto de contato ideal, como a teoria matemática [...].

É na medida em que esse S_1 , esse Um do significante funciona em pontos, em lugares diferentes, nessa tentativa de redução radical, que ele pode ser, se assim posso dizer, traduzido [...], que ele pode ser traduzido de um desses discursos no outro.

É na medida em que nesses quatro discursos nunca os termos [...] estão no mesmo lugar funcional que, afinal – ... no que nos interessa, no que é incidência atual dos efeitos subjetivantes, no que nos interessa isso pode por agora... não digo que seja a única fórmula possível, mas isso pode por agora ser articulado dessa forma ao algoritmo –, que há convergência entre o limite onde se tem por agora a lógica / p. 54 / matemática e os problemas de nós analistas que tentamos dominar um pouquinho o que fazemos.

Há convergência... há o mesmo limite algorítmico [...] a função do limite...

Não podemos dizer qualquer coisa.

Mesmos os mais tradicionais analistas não se permitem dizer qualquer coisa.

O que escrevi ali [deve ter apontado o quadro-negro], *que se diga* – não sei quando escrevi isso – *que se diga como fato fica esquecido* – habitualmente, digo... – *detrás do que é dito no que se ouve*.

A que se relaciona o *no que se ouve*? É perfeitamente ambíguo. Pode se relacionar a *fica esquecido* – é o *que se diga* que pode ficar esquecido *no que se ouve* –, ou é o *que é dito no que se ouve*?

É um uso perfeitamente exemplar da ambiguidade no nível da estrutura geral... transformacional, hein?

É babaca, todo mundo faz tanto que não percebe.

O que em seguida há debaixo [no quadro-negro]?

Esse enunciado, que é assertivo por sua forma, que qualifiquei de universal, pertence ao modal pelo que enuncia [émet] de existência.

Pouco tive tempo hoje de referir-me ao que é a existência: comecei muito claro e enfim estou, como de hábito, mais ou menos dobrando os joelhos sob meu fardo.

Mas, enfim, o que é absolutamente claro é que estamos aí para isso: interrogar o “existe” no nível do matema, no nível do algoritmo.

Só no nível do algoritmo a existência é admissível. A partir do momento em que o discurso científico é instaurado, ele quer dizer tudo saber e só se inscreve no matema... Estamos aí, colocando a existência como o que está ligado à estrutura-algoritmo.

É um efeito da história que nos interroguemos não sobre nosso ser, mas sobre nossa existência, eu penso “logo sou”, entre aspas “logo sou”. Ou seja, aquilo através do que a existência nasceu, é lá que somos. É o fato de que *se diga* – quer dizer, que está atrás de tudo que se diz – que / p. 55 / é o algo que surge na atualidade histórica.

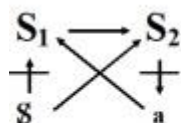
E aí vocês de jeito nenhum podem dizer que é um feito [*fait*] de dizer teórico, de minha parte por exemplo.

É assim que as coisas são situadas, emergem do ordenamento do discurso; é a partir daí que há emissão de existência como algo que está também no nível do objeto *a* pelo qual o sujeito se divide.

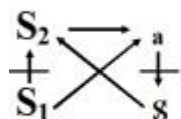
É uma questão que me parece, enfim, resolvida, porque me parece que acabei de responder-lhes.

P. 40

Discurso do mestre



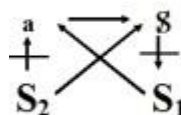
Discurso da universidade



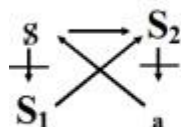
Discurso da histérica



Discurso do analista



Discurso do capitalista



O fato de que se diga fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve.

Esse enunciado, que é assertivo por sua forma, é modal pelo que enuncia [éme] de existência.

[1] *Analysant* na maioria das vezes é traduzido por “analizando”. Prefiro o termo “analisante”, que em português traz um eco do particípio presente, forma nominal excluída das conjugações lícitas dos verbos em português há décadas (embora formas nominais subsistam em português: temente, fervente...). Ele tem, digamos assim, um princípio ativo permanente (a água fervente não é a água que está fervendo) que não é contemplado pelas outras formas verbais hoje consideradas as únicas lícitas: o infinitivo (analisar), o gerúndio (analizando) e o particípio [passado] (analisado). O francês mantém os dois particípios: passado e presente.